

A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência textual nas piadas¹

Anna Carolina Ferreira Carrara²

Danielle Novaes Uchoa³

Paulo Soares Rodrigues⁴

RESUMO: O presente trabalho busca transpor para a dimensão discursiva alguns dos constructos teóricos da Linguística Cognitiva e, em especial, a Teoria Cognitiva da Metáfora. O objetivo central é a realização de uma discussão a respeito da metáfora conceptual enquanto um recurso de coerência textual. Para isso, tomamos como objeto de análise a metáfora conceptual SEXO É ALIMENTO dentro do gênero piada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Linguística de *Corpus*; Metáfora Conceptual; Gênero Piada; Metáfora Sexo é Alimento.

1. Introdução

O presente trabalho tem como agenda o estudo da metáfora conceptual enquanto um recurso de coerência textual. De modo a evidenciarmos a possível força da metáfora no processo de constituição textual, tomamos como objeto de análise a metáfora conceptual SEXO É ALIMENTO dentro do gênero ‘piada’.

Tendo a Linguística Cognitiva como escopo teórico fundamental (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1999), nosso trabalho se constitui como um dos resultados obtidos pelo grupo de pesquisa (GP) Gramática e Cognição da UFJF, sob a orientação da Profª. Dra. Neusa Salim Miranda. O projeto de pesquisa a partir do qual este trabalho emergiu – *Os gêneros discursivos como construções – uma abordagem sociocognitiva* – propõe, nos termos de MIRANDA (2006),

¹ Este artigo é o resultado obtido a partir dos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa “*Gêneros Discursivos como Construções: uma abordagem sociocognitiva*” sob a orientação da Prof. Dra. Neusa Salim Miranda. Este projeto contou com o financiamento de agências de fomento da UFJF e CNPq e foi premiado como o melhor trabalho de Iniciação Científica no XIII Seminário de Iniciação Científica da UFJF em 2007.

² Graduada em Letras pela UFJF; bolsista BIC 2005/2006 e PIBIC 2006/2007; discente do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística e bolsista em produtividade CAPES.

³ Discente do curso de Letras da UFJF, bolsista PIBIC 2007/2008.

⁴ Discente do curso de Letras da UFJF, bolsista BIC 2007/2008.

que a Gramática das Construções, em seu conjunto de princípios e métodos, pode, de modo frutífero, se estender para além da palavra e da sentença, aplicando-se a estruturas mais amplas, como os gêneros discursivos. Partindo desse enquadre, os gêneros são analisados como signos, i.e., como unidades simbólicas instituídas de um pareamento de forma e modos de significação.

Fernandes (2006) assume a tese de Miranda (2006) em dissertação de mestrado – *Uma abordagem construcional dos gêneros textuais: o caso do gênero ‘piada’* – propondo uma descrição do padrão construcional discursivo do gênero ‘piada’, tanto no que se refere ao seu aspecto formal quanto ao seu aspecto semântico-pragmático. Esta dissertação representa mais um nó da grande rede investigativa posta pelo GP Gramática e Cognição.

Embora nosso trabalho não tenha como meta aprofundar a discussão acerca da continuidade entre padrões construcionais levantada por Miranda (op.cit.) e Fernandes (op. cit.), os padrões do gênero ‘piada’ descritos por Fernandes serão fundamentais para o recorte de nosso objeto, uma vez que nos permitem distinguir ‘piadas’ dos demais gêneros situados no domínio do humor.

Assim, partindo dos fios condutores da Lingüística Cognitiva, tomamos como objeto de análise o gênero ‘piada’ enquanto uma construção discursiva. Partindo da Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff & Johnson, 1980) e da perspectiva teórica discutida por Lakoff (1999), nossa agenda consiste, pois, em desvendar o modo como a metáfora SEXO É ALIMENTO atua como estratégia para o estabelecimento de coerência textual nas piadas. Isso posto, organizamos nosso trabalho em quatro seções, quais sejam: a primeira seção aborda os pressupostos básicos da Lingüística Cognitiva, a segunda apresenta o trabalho Fernandes (2006), na terceira apresentamos o conceito de metáfora na Lingüística Cognitiva e, finalmente, segue-se nossa seção de análise, em que buscamos desvelar os processos de significação da metáfora SEXO É ALIMENTO presente nas piadas.

2. A Lingüística Cognitiva

Conforme foi anunciado, o presente trabalho tem como escopo teórico principal a Lingüística Cognitiva. Dessa forma, pretende-se, nesta seção, traçar um breve comentário a respeito dessa linha de pesquisa e assim enunciar em que termos se embasam nossos estudos.

A Lingüística Cognitiva nasceu da dissidência do cognitivismo praticado por Chomsky que, em sua obra *Aspects of Theory of Syntax* (1965), impôs um caráter mentalista e internalista

às investigações lingüísticas. Tal visão acredita que a linguagem não pode ser aprendida por meio de estímulos e respostas, ou seja, não é uma reação a algo externo. Chomsky crê na linguagem como um módulo autônomo, independente dos outros módulos cognitivos. Dessa maneira, a linguagem seria uma faculdade restrita à espécie humana, sendo, então, uma herança genética transmitida a todos os seres, deixando à cultura e ao contexto comunicativo humanos posições descentralizadas, ou mesmo nulas.

Na contramão dessa visão, se encontra a Lingüística Cognitiva, que inaugura para a Lingüística a “Era da Imaginação” (Fauconnier e Turner, 2002 *apud* Fernandes, 2006:25). Ao contrário da vertente chomskyana, essa nova linha dos estudos lingüísticos não assume o caráter modularista da linguagem, mas sim postula ser ela apenas um dos modos de cognição, fazendo parte de uma grande rede de capacidades cognitivas da mente humana. Assim, resgata-se uma dimensão experiencial, ou seja, liga-se o modo de vida, a cultura e a interação humanos às concepções de pensamento e de linguagem.

Esse novo enquadre que o Programa Sociocognitivo posto pela Lingüística Cognitiva apresenta, vai reivindicar uma nova agenda investigativa para os fenômenos da linguagem. Tal agenda enveredar-se-á principalmente nas questões referentes à significação. Visto como uma grande realização cognitiva, social e interacional, “*o sentido não seria, pois, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação, consentimento e partilhamento.*” (Miranda, 2000:30 *apud* Fernandes, 2006:27). A Lingüística Cognitiva postula que o sinal lingüístico não detém o sentido, mas é um tipo de guia, uma pista em seu processo de construção. Dessa forma, vai de encontro ao que pensa a tradição formalista. Em outros termos, Salomão (1997 *apud* Fernandes, 2006:27) defende “*ser a significação uma construção mental produzida pelos sujeitos cognitivos no curso de sua interação comunicativa*”.

Concluindo, buscamos, através da Lingüística Cognitiva, explicar de forma inovadora e dinâmica os processos de significação, não só de fenômenos centrais da língua, mas também de fenômenos tidos como periféricos. A partir dessa perspectiva, propomos, então, a análise da metáfora conceptual SEXO É ALIMENTO, presente em piadas que compõem o *corpus* do projeto. É o que explicitaremos nas próximas seções.

3. Uma breve apresentação da Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM)

A concepção tradicional de metáfora e metonímia, entendidas até então como recursos meramente lingüísticos, cedeu lugar a um novo enfoque iniciado por Lakoff e Johnson com a obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (1980), ao proporem que tais recursos não estão presentes somente no domínio lingüístico, mas, sobretudo, na forma como pensamos e agimos. Assim, nosso sistema conceptual seria metafórico por natureza, ou seja, o que pensamos, agimos ou experienciamos todos os dias teria fortes bases metafóricas. Tal conceptualização, no entanto, ocorre de forma natural e é fruto de nossa experiência corpórea e social no mundo.

Especificamente, a (TCM) postula que a metáfora conceptual é um mecanismo cognitivo pelo qual conceitos mais abstratos são conceptualizados em termos de outros mais concretos, através de uma projeção de domínios: o *domínio fonte* (domínio das experiências mais concretas) é projetado no *domínio alvo* (domínio das experiências mais abstratas). Outro ponto a se considerar é o *Princípio da Invariância*, que diz respeito à direcionalidade (do concreto para o abstrato) e à parcialidade da projeção, isto é, nem todos os elementos de um domínio se projetam no outro, pois se assim não fosse, um conceito seria, de fato, o outro e não entendido em termos do outro. Dessa forma, ao fazermos uso de expressões metafóricas, estamos realçando alguns aspectos e encobrendo outros.

Um exemplo desse processamento seria a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, fortemente convencionalizada em nossa cultura. Assim, ao fazermos uso de expressões lingüísticas como *gastei meu dia*, *perdi meu tempo*, *economizei minhas horas*, estaríamos evocando tal metáfora conceptual, na qual o conceito de ‘tempo’ (domínio alvo) é estruturado em termos de ‘dinheiro’ (domínio fonte) através da projeção de padrões lexicais e inferenciais. Esta seria uma metáfora instituída a partir de nossa experiência cotidiana na qual o tempo é projetado como um bem valioso, nos mesmos termos que concebemos o dinheiro. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, poupado ou liquidado.

Nos termos da TCM, metáforas conceptuais evocam metáforas mais básicas instituídas a partir de esquemas corpóreos gestálticos, os nomeados esquemas imagéticos tidos como padrões do nosso movimento no espaço, da nossa manipulação de objetos e de interação perceptiva que surgem de nossas experiências corporais e da percepção de ações e de eventos. Exemplos destes

Esquemas Imagéticos seriam o Esquema do Recipiente, o Esquema do Elo, o Esquema do Trajeto, o Esquema Centro-Periferia, dentre outros. Destas estruturas corpóreas emergem metáforas básicas como, por exemplo, CATEGORIAS SÃO RECIPIENTES, ESCALAS LINEARES SÃO PASSOS, INTIMIDADE É PROXIMIDADE, DIFICULDADES SÃO PESOS, PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES.

Ainda que considerada a relevância que a TCM empresta à experiência corpórea, cabe realçar que a experiência cultural, por sua vez, tem igual peso nesta teoria. Assim é que metáforas conceptuais como DISCUSSÃO É GUERRA ou TEMPO É DINHEIRO podem não fazer sentido em outras culturas, visto que as mesmas podem não conceber discussão e tempo em termos de guerra e dinheiro. Pensemos, por exemplo, em uma dada cultura em que o conceito abstrato discussão seja entendido como uma dança. Nesse caso, a correspondência desse conceito com guerra não estaria presente nessa sociedade (Lakoff e Johnson, 1980).

Em obra mais recente, *Philosophy in the Flesh* (1999), Lakoff e Johnson postulam, de modo mais claro, uma relação hierárquica entre metáforas nomeadas como *metáforas complexas* e *metáforas primárias*. Nesses termos, metáforas do tipo: PROPÓSITO DE VIDA É UMA VIAGEM, são metáforas complexas formadas por metáforas primárias como: PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS. Uma vez que, nessa perspectiva, os conceitos abstratos são conceptualizados por inúmeras metáforas complexas, sem elas os conceitos estariam reduzidos a meros esqueletos.

Com base nos princípios anunciados, três premissas da Lingüística Cognitiva são defendidas pelos autores (Lakoff e Johnson, 1999:03)

- (i) A mente é inerentemente corporificada;
- (ii) O pensamento é majoritariamente inconsciente;
- (iii) Conceitos abstratos são largamente metafóricos.

É, pois, a partir dos fundamentos da Lingüística Cognitiva e, em especial, da TCM que conduzimos no percurso investigativo.

4. Uma abordagem construcional do gênero piada

Tomando como principal argumento o fato de que a Teoria da Gramática das Construções (Goldberg, 1995) pode se estender para além da palavra e da sentença, aplicando-se a estruturas mais amplas, como os gêneros discursivos, Fernandes (2006) mostra, através das piadas, que os

gêneros textuais podem ser concebidos como construções, ou seja, como uma unidade simbólica instituída no pareamento de forma e modos de significação, o que significa dizer que os gêneros teriam uma natureza convencionalizada, esquemática e um caráter de estabilidade e flexibilidade ao mesmo tempo.

Em termos da Gramática das Construções, concebe-se o gênero ‘piada’, ou qualquer outro gênero, como um padrão/construção discursivo [pd ‘piada’] disponível, de forma gestáltica, no léxico e inseminador de uma rede de construções. Tal padrão implica expectativa, necessariamente emparelhada, de forma (tipos textuais em termos de seqüências textuais, escolhas lexicais e sintáticas) e funções de significação (semântico-pragmática), como proposto por Fernandes (2006).

Partindo, então, da hipótese de que o conhecimento de uma língua como um sistema simbólico implica o domínio de “padrões discursivos” nos mesmos moldes que integra padrões gramaticais e lexicais já amplamente reconhecidos (Miranda, 2006; Fernandes, 2006) propôs-se à tarefa de descrever o padrão discursivo do gênero piada.

De acordo com a autora, existe um PADRÃO ABSTRATO NARRATIVO GENÉRICO (PANG), armazenado como item lexical na memória de longo-termo (MLT), que inseminaria todos os tipos de padrões de gêneros narrativos, tais como a lenda, o romance, a piada, etc. O PADRÃO DISCURSIVO DO GÊNERO PIADA [pd piada], por sua vez, é inseminado pelo PANG e instancia uma rede de construções substantivas de piadas, ou seja, construções “concretas”, as quais são estruturadas a partir de dois *clusters* básicos: o *cluster* de compressão formal e o *cluster* de compressão conceptual.

No que tange ao PANG, pode-se dizer que, uma vez que se configura como um padrão construcional, é, então, instituído no pareamento de forma e função semântico-pragmática e discursiva. No domínio pragmático, este padrão responde à necessidade comunicativa de documentar a ação humana “real”, a experiência vivida, ou de mimetizar esta ação em um plano ficcional. Já em termos da função semântico-discursiva, esse padrão se define pela relação temporal, ou seja, a determinação do tempo que flui, e a relação causal entre os fatos. Esses aspectos constituem a função primária do narrar, já em segundo plano estão os demais componentes, quais são: os atores e o contexto das ações.

O que Fernandes (2006) postula, seria a existência, em nosso léxico, de um padrão abstrato, de caráter mais genérico e mais aberto, capaz de inseminar gêneros narrativos tais como

a piada, o conto, etc. E esses gêneros seriam prototipicamente marcados, em termos de uma estrutura de expectativa, pelo PANG. Sendo este padrão uma forma de conhecimento armazenada em nosso léxico, flexível e estável ao mesmo tempo, irá propiciar aos falantes a categorização e o agrupamento de determinado conjunto de gêneros em torno do NARRAR.

O [pd ‘piada’] é, por sua vez, um conhecimento discursivo que nos permite saber que “uma piada é uma piada”. Sendo, como já foi dito, inseminado pelo PANG, o [pd ‘piada’] será, então, prototipicamente constituído pela seqüência narrativa e pertencente ao agrupamento do tipo textual narrativo, o que lhe confere um forte grau de convencionalização.

Diante dessas postulações, algumas marcas definidoras do gênero piada podem ser apontadas, quais sejam: (a) a brevidade, piadas são narrativas curtas; (b) a função semântico-pragmática desse gênero é fazer rir por meio de um mal entendido (*nonsense*) desencadeado por um discurso surpreendente, inusitado; (c) o esquema prototípico da estrutura composicional do gênero ‘piada’ se configura como orientação (seqüência 1); complicação (seqüência 2 – não-marcada e seqüência 3 – marcada); resolução (categoria vazia); (d) o gênero piada implica, como condição de felicidade, um jogo complexo interativo entre o domínio do locutor e do alocutário.

Conforme sinalizamos na Introdução, nosso trabalho não tem a pretensão de entrar nesta complexa discussão sobre os diferentes níveis de construções dentro de um sistema lingüístico e nem de aprofundar os achados analíticos de Fernandes (2006) sobre o [pd ‘piada’]. De fato, o que o fazemos é assumir as postulações e descrições de Fernandes (2006) sobre o padrão construcional do gênero ‘piada’ e utilizá-las como instrumento analítico no estabelecimento do recorte desse gênero dentro do *corpus*, de modo a distingui-lo dos demais gêneros narrativos e dos gêneros contidos dentro do domínio do humor.

5. A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência textual nas piadas

5.1 Metodologia

No presente estudo, nossa opção metodológica é a Lingüística de *Corpus* já que nos oferece uma ampla gama de vantagens no que tange à conciliação entre critérios qualitativos e quantitativos e também por nos tornar possível a investigação do discurso real. Acresce-se o fato de que a Lingüística de *Corpus* vem se constituindo como uma importante escolha metodológica da Lingüística Cognitiva contemporânea, dado o relevo do uso nesse modelo teórico.

Nos termos de Sardinha (2004), a Lingüística de *Corpus* é uma área que estuda a língua por meio da observação de grandes quantidades de dados lingüísticos reais, isto é, de textos falados ou escritos provenientes da comunicação no mundo real (língua em uso), com o auxílio de ferramentas computacionais. De forma geral, o conjunto de dados lingüísticos reais criteriosamente coletados utilizados em estudos de Lingüística de *Corpus* é chamado de *corpus*. O *corpus* deve ser constituído de dados autênticos (não inventados), legíveis por computador e representativos de uma língua ou variedade da língua da qual se deseja estudar.

O computador desempenha, então, um papel importante para os estudos na área. As ferramentas computacionais são geralmente utilizadas para reorganização e extração de informações no *corpus*, para observação e interpretação de dados, fornecendo novas perspectivas para a análise lingüística.

Os traços lingüísticos, por sua vez, não ocorrem de forma aleatória, sendo possível evidenciar e quantificar regularidades (padrões). É comum na área afirmar-se que a linguagem é padronizada (*patterned*), isto é, existe uma correlação entre os traços lingüísticos e os contextos situacionais de uso da linguagem. Na Lingüística de *Corpus*, a padronização se evidencia por colocações, co-ligações ou estruturas que se repetem significativamente⁵.

Se pensarmos que o desvelamento dos processos de significação é o foco da Lingüística Cognitiva, e sendo os sentidos dependentes da cena comunicativa e do uso real, fica claro o motivo pelo qual o trabalho com a Lingüística de *Corpus* é uma tendência contemporânea da Lingüística Cognitiva. A bem do rigor científico, cabe-nos ressaltar, contudo, que, quando do desenvolvimento do presente trabalho (segundo semestre de 2006 e primeiro semestre de 2007) ainda que a Lingüística de *Corpus* fosse uma escolha teórico-metodológica, não dispúnhamos do conhecimento técnico para uso das ferramentas computacionais mais avançadas desenvolvidas dentro deste campo⁶. Assim, valemo-nos de procedimentos comuns de busca de dados em corpus não tratados (não encontramos um corpus tratado constituído de piadas) disponíveis na internet e de outros procedimentos manuais na identificação da metáfora investigada.

Uma vez que a internet nos oferece um banco de dados natural, para reunirmos o *corpus* necessário para o estudo sobre a metáfora SEXO É ALIMENTO, utilizamos o sistema de busca

⁵ Lingüística de *Corpus* apud Wikipédia.

⁶ Atualmente, em projetos desenvolvidos no GP Lingüística e Cognição, já dispomos de ferramentas computacionais que nos auxiliam no trabalho com corpus, como o programa *WordSmith Tools*.

do site <http://www.humortadela.com.br/>. Assim, após mapearmos o *frame* de alimento e listarmos os itens lexicais desse *frame* utilizados para se falar de sexo, pudemos utilizar o sistema de busca do *site* em questão de forma muito precisa, já que, ao digitarmos o item lexical desejado, por exemplo, *comer*, diversas piadas que continham a palavra em sua estrutura nos eram apresentadas.

Tal site é um site de entretenimento, e não é constituído somente por piadas; ao contrário, também apresenta outros gêneros do humor, como charges, sátiras, charadas. No presente estudo, entretanto, só nos é relevante o gênero piada e, distanciando-nos do senso comum que afirma ser a piada tudo aquilo que nos faz rir, tomamos como nossa a hipótese de Fernandes (2006), a partir da qual nos é possível saber que “uma piada é uma piada” e não qualquer outro gênero do humor.

Conforme apresentado na seção três deste trabalho, a autora postula o [pd ‘piada’] e afirma que é a seqüência prototipicamente narrativa que configura o gênero. Além disso, o [pd ‘piada’] apresenta, como função semântica nuclear, a criação do *nonsense*, desencadeado por um discurso contraditório e inesperado, e para ter sua ação completa, a piada implica necessariamente o domínio do locutor e do alocutário.

Diante do fato de que o site utilizado considera a piada como “tudo aquilo que nos faz rir”, tivemos, durante a nossa busca, que selecionar, entre aquilo que é quantificado como 3.795 piadas, aquelas que realmente preenchiam os nossos “pré-requisitos” do que seja uma ‘piada’. Portanto, diante dos dados apresentados acima, de 3.795 textos representativos do gênero humor, número registrado pelo site, 104 textos, considerados pelo nosso critério analítico como ‘piadas’, apresentaram a metáfora SEXO É ALIMENTO, e, nessas 104 piadas, registramos 137 ocorrências da metáfora em questão. Na seção a seguir trataremos de mapear a metáfora SEXO É ALIMENTO a partir da nossa análise do corpus de 104 piadas⁷.

5.2 Desvelando os processos de significação da metáfora SEXO É ALIMENTO nas piadas

Ao postularmos nosso objetivo de mostrar como a metáfora SEXO É ALIMENTO atua como um recurso de coerência textual nas piadas, primeiramente mapeamos o domínio fonte, no caso, ALIMENTO, pelas unidades lexicais que conceptualizam objeto (substantivos),

⁷ Não computamos a frequência do número de piadas dentre as 3.795, já que isso implicaria uma contagem uma a uma, o que está além dos limites de nosso trabalho.

propriedades (adjetivos) e ações (verbos). Os dados são organizados em termos do modelo de frequência e de tipo. O quadro (1), abaixo, mostra os resultados encontrados.

	TIPOS DE UNIDADES LEXICAS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUENCIA (%)
VERBOS (Ação)	1. COMER	48	35,03%
	2. CHUPAR	17	12,4%
	3. FARTAR	1	0,7%
	4. LAMBER	1	0,7%
			Total: 48,83%
SUBSTANTIVOS (Objetos)	1. BANANA	5	3,5%
	2. MANDIOCA	2	1,4%
	3. PEPINO	2	1,4%
	4. LINGÜIÇA	2	1,4%
	5. SALSICHA	2	1,4%
	6. PÊRA	1	0,7%
	7. MELÃO	1	0,7%
	8. CEBOLA	1	0,7%
	9. PÊSSEGO	1	0,7%
	10. NABO	1	0,7%
	11. OVO	9	6,5%
	12. MAIONESE	3	2,1%
	13. ALMÔNDEGA	1	0,7%
	14. CARNE	2	1,4%
	15. RABADA	1	0,7%
	16. PACOTINHO DE DROPS	1	0,7%
	17. LEITE	2	1,4%
	18. BACALHAU	7	4,9%
	19. IOGURTE	1	0,7%
	20. JABUTICABA	1	0,7%
	21. SALAME	5	3,6%
	22. PIRULITO	3	2,1%
			Total: 39,1%
ADJETIVOS (Propriedades)	1. SUCULENTO	1	0,7%
	2. ELICIOSO	6	4,2%
	3. DOCE	1	0,7%
	4. DELICIOSA	1	0,7%
	5. GOSTOSONA	2	1,4%
	6. GOSTOSO	5	3,6%
	TOTAL DE TIPOS: 32		Total: 11,4%

Quadro (1)

O quadro, organizado em termos de frequência de ocorrência e frequência de tipo, mostra-nos o mapeamento do domínio fonte, no caso, ALIMENTAÇÃO, pelas unidades lexicais que conceptualizam ações (verbos – 48,83%), objetos (substantivos – 39,1%) e propriedades (adjetivos – 11,4%).

Em termos de frequência de ocorrências, as formas verbais são as mais usadas (48.83%), mas, em termos de frequência de tipos, são as menos significativas (4 ocorrências apenas: comer, chupar, fartar, lambar). A forma lexical mais freqüente é *comer* e suas variações (35,03%), o que sinaliza seu forte grau de **convencionalização** no domínio conceptual de sexo e pode justificar a baixa frequência de tipos nessa categoria.

Os substantivos, de forma natural, oferecem a maior gama de tipos (22 tipos), mas ocupam o segundo lugar em termos de frequência de uso (39,1%). A maior frequência de ocorrência está nos itens lexicais “*ovos*”, “*bacalhau*” e “*salame*”. Os adjetivos, que representam propriedades atribuídas ao alimento pelo nosso paladar, apresentam seis tipos diferentes e uma frequência de uso de 11,4%. O item lexical mais usado é *delicioso*.

No total, nosso corpus de 104 piadas apresenta 32 tipos diferentes de itens lexicais do domínio fonte (alimento) que se projetam no domínio alvo (sexo), o que indica, nos limites dos nossos dados, que temos uma metáfora **produtiva**. Nossa avaliação quanto à frequência de ocorrência da metáfora SEXO É ALIMENTO no universo total de piadas presentes no site fica, contudo, prejudicada, uma vez que não temos o número total de piadas do corpus e sim apenas as piadas em que emerge a metáfora investigada.

Dessa forma, podemos, além de comprovar a existência da metáfora conceptual SEXO É ALIMENTO nas piadas, observar que a projeção entre os dois domínios, através do uso de itens lexicais de categorias diferentes (substantivos, adjetivos e verbos), mapeia não só *padrões lexicais*, mas também *padrões inferenciais* definidores do *frame* de alimentação. Assim, teríamos os seguintes mapeamentos apresentados no quadro (2):

METÁFORA CONCEPTUAL: SEXO É ALIMENTO
Fonte: alimento Alvo: sexo
MAPEAMENTOS PRINCIPAIS: Ato de alimentar-se → Ato sexual Alimento → Órgão sexual

Alimento → Corpo humano
Alimento → “Excremento” sexual
Propriedades dos alimentos → Propriedades dos órgãos sexuais
Propriedades dos alimentos → Propriedades do corpo humano
Propriedades dos alimentos → Propriedades do ato sexual

Quadro (2)

É importante ressaltar que essa projeção entre domínios é seletiva, isto é, nem todos os traços de um domínio se projeta no outro. Tal seletividade deve-se ao Princípio da Invariância (Lakoff e Johnson, 1980), ou seja, ao se mapear uma metáfora, deve-se ter um respeito aos padrões do domínio alvo.

Uma questão ainda merecedora de relevo em nossa análise é a relação entre veto social e a conceptualização de sexo como alimento em nossa cultura e em nossas piadas. De fato, sexo e alimento correspondem as duas necessidades vitais; a diferença é que o veto incide sobre a primeira. Daí, piadas, como um gênero do *nonsense*, serem um fértil campo para o exercício “velado” deste veto e de todas as formas de preconceito que dele decorrem.

5.2.1 A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência

A seguir passamos, através de exemplares do gênero piada, a evidenciar o papel da metáfora conceptual no processo de arquitetura semântica e pragmática de um texto. Como apresentamos na seção anterior, o mapeamento inter-domínios implica não só a projeção de padrões lexicais, mas também de padrões inferenciais dos frames projetados. É assim, pois, que o conjunto de mapeamentos apresentados no quadro acima (seção 4.2.) emerge, de forma subsequente no fluxo da piada, gerando uma estratégia de coerência, como ilustram os exemplos⁸ a seguir:

(1) Comendo Todas

Na festa, o sujeito conta vantagem com o amigo:

- Cara, eu já comi todas as mulheres que estão nessa festa! Tirando as minhas duas irmãs, claro!

- Que legal! – comenta o amigo – justamente o contrário de mim!

- Contrário? Como assim?

- Até agora eu só consegui comer as suas irmãs!

Mapeamentos presentes:

⁸ Pedimos desculpas aos nossos leitores pelo teor “pouco delicado” de nossos exemplos. De fato, piadas sobre sexo não são, decididamente, piadas de salão. Não há como fugir disto.

Frame de ALIMENTO (fonte)		frame DE SEXO (alvo)
Pessoa que se alimenta	→	parceiro “ativo” do ato sexual
Ato de alimentar-se	→	manter relação sexual
Alimento	→	parceiro “passivo” do ato sexual

Na piada acima, em que emerge o papel masculino de “comedor” em nossa cultura, o item lexical *comi* evoca a cena de alimentação com alguns dos seus padrões inferenciais: ‘**COMER a**’, ou seja, um AGENTE ‘a’(o sujeito) que *come* um *OBJETO ‘b’* (mulheres da festa/duas irmãs). É, contudo, a força de convencionalização da metáfora conceptual SEXO É ALIMENTO em nossa cultura que permite que o interlocutor processe as inferências desejadas pelo narrador, entendendo a piada, e não interpretando a narrativa contada com uma cena de canibalismo.

Na piada (2), a escolha lexical do domínio fonte (*alimento/banana*) instaura uma nova perspectiva sobre a cena e produz outros padrões inferenciais:

(2) As Macaquinhas
 Duas adolescentes conversando:
 - Flavinha, a minha macaquinha, já está ficando toda cabeluda!
 - Bobinha! A minha já está comendo banana!

Na piada acima, “comer banana” refere-se à prática das relações sexuais e o formato da banana, um **traço semântico do item lexical**, inferido por uma processamento metonímico e não explicitado, evoca agora o órgão sexual masculino. Os processos de emancipação feminina se revelam, colocando a mulher como a AGENTE da cena.

No fragmento de piada (3), a perspectiva instaurada a partir da cena do domínio fonte é outra. São as **propriedades** que o nosso paladar atribui aos alimentos que emergem através de adjetivos como “suculento, delicioso, doce, deliciosa, gostosona e gostoso” e permitem a projeção do tipo **Propriedades dos alimentos** → **Propriedades do corpo humano**.

(3) Caipirinha Iniciante
 Gislaine era uma caipirinha deliciosa de 17 anos, ainda virgem.
 João Gafanhoto era o cara mais **tarado** da região, que vivia convidando a moça pra ir pra cama, pro sofá, pro mato, pra qualquer lugar, desde que fosse pra **fazer sexo**.

Certo dia ela finalmente concordou e os dois foram pra uma **moita**, atrás da casa da moça (...)
 Diferentemente dos exemplos acima, no fragmento a seguir (4), é o ato sexual que é identificado como “gostoso” em uma projeção do tipo **Propriedades dos alimentos** → **Propriedades do ato sexual**:

(4) A Noiva Assustada

Recém-casados, aquele casalzinho vai passar a primeira noite em um motel, mas assim que o rapaz tira a roupa e se deita na cama, a garota corre para o banheiro e fecha a porta.

- O que foi que houve, meu bem? – pergunta ele, preocupado.
- Estou assustada... é a minha primeira vez!
- Deixa de bobagem, você vai ver como vai ser gostoso. (...)

O que nossas análises apontam, ainda que de modo preliminar, é que as metáforas conceptuais têm, de fato, um papel relevante no processo de estabelecimento de significações coerentes dentro de um texto. A metáfora SEXO É ALIMENTO, dentro do domínio do gênero piada, é uma exemplo disto.

6. Conclusão

O presente estudo, no rastro do trabalho de Miranda (2006) e Fernandes (2006), busca transpor para a dimensão discursiva alguns dos constructos teóricos da Lingüística Cognitiva e, em especial, a Teoria Cognitiva da Metáfora. De alguma forma, estudos contemporâneos da metáfora sugerem a importância de se refazer, com a contribuição contemporânea da Lingüística Cognitiva, o papel histórico da metáfora dentro do discurso. Se a metáfora não pode mais ser vista como uma mera figura de linguagem, e sim como um processo cognitivo de dimensões amplas e complexas, também não podem ser deixadas de lado suas motivações culturais e a sua contraparte lingüística sinalizadora de seu percurso na tessitura do texto. Esta é, a nosso ver, uma agenda investigativa importante para os estudos da metáfora humildemente sinalizada pelo presente trabalho.

Referências Bibliográficas:

FERNANDES, Glauce Soares. **Uma abordagem construcional dos gêneros textuais**: o caso do gênero piada. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press: 1995.

HUMORTADELA. **Humortadela**. Disponível em: <www.humortadela.com.br>. Acesso em mês 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Mercado das Letras, São Paulo: 2002 [1980].

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

MIRANDA, Neusa Salim. **Os gêneros discursivos como construções – uma abordagem sociocognitiva**. Projeto de pesquisa PIBIC-CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005-2006 (inédito).

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

WIKIPÉDIA. **Linguística de Corpus**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ling%C3%BC%C3%ADstica_de_corpus>. Acesso em: mês 2007.